



Um deserto na Amazônia¹

Adriana Teixeira de ARAÚJO²
Alice Regina Pacó de SOUZA³
Carina Amazona L. B. CAVALCANTE⁴
Alessandro Vasconcelos BANDEIRA⁵
Allan Soljenítsin Barreto RODRIGUES⁶
Faculdade Boas Novas (FBN), Manaus, AM

RESUMO

O documentário em vídeo “Um deserto na selva”, com duração de 20 minutos, aborda o problema da escassez de água na cidade de Manaus. O vídeo faz um paralelo entre dois extremos, mostrando Manaus localizada, na região que possui o maior manancial de água doce do Brasil, porém possui um sistema de abastecimento de água precário. Alguns dos motivos pelo qual a população sofre e as conseqüências também fazem parte da abordagem do tema. O objetivo do documentário é, além de trazer a tona uma realidade já conhecida, produzir nos espectadores um sentimento de reflexão sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; Manaus; documentário; e abastecimento de água.

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário em Vídeo.

² Aluna líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: adriana_teiujo@hotmail.com

³ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: lice.regine@gmail.com

⁴ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: carinaamazona@gmail.com

⁵ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: a12bandeira@hotmail.com

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: allan_soljenitsin@yahoo.com.br.



INTRODUÇÃO

A água é considerada um bem indispensável para sobrevivência no planeta. O Brasil possui doze por cento de toda reserva de água doce existente no planeta. A região amazônica responde por mais da metade deste potencial hídrico, nela está localizada a maior bacia hidrográfica do mundo, a Bacia Amazônica, formada pelo rio Amazonas e seus afluentes. Manaus, capital do Estado do Amazonas, localizada a margem esquerda do segundo maior rio em volume de água do mundo, o rio Negro, é uma das cidades brasileiras com maior índice de escassez de água apesar de está cercada por água. Isso ocorre devido a um sistema de abastecimento de água precário e insuficiente.

A proposta do documentário em vídeo “Um deserto na Amazônia” é mostrar o problema da escassez de água e as suas conseqüências causadas para a população. Logo, o vídeo mostra uma realidade conhecida de forma superficial pelas classes mais abastadas, porém conhecida de perto pela população de baixa renda residente na capital amazonense. A escolha do recurso áudio visual, foi feito, devido ele ser considerado um meio de representação social, ou seja, uma mostra ou representação do mundo que vivemos (LABAKI, 2006).

O documentário aqui se presta a recurso de conscientização para esta problemática. Esperamos que, ao serem veiculadas, as imagens dêem maior visibilidade ao fato e proporcionem uma melhor compreensão do tema em questão. Acreditamos que este projeto possui relevância social, pois além de mostrar uma nova perspectiva sobre o tema abordado buscara estimular um novo posicionamento por parte da sociedade.

A representatividade social do vídeo pressupõe que acontecimentos e fatos já esmaecidos na memória do telespectador possam vir a ser analisados de pontos de vista diferentes. Com base em novas informações e um olhar reflexivo sobre o assunto abordado.

OBJETIVO

Objetivo geral:

- Informar as pessoas por meio de um documentário em vídeo sobre as causas e possíveis soluções para a escassez de água na cidade de Manaus.

Objetivos específicos:

- Contextualizar o problema da escassez de água abordando suas origens históricas e atual estágio;



- Registrar o sofrimento das famílias que moram à margem da maior bacia hidrográfica do mundo e mesmo assim não têm água potável em suas casas;
- Buscar junto às autoridades e a concessionária contatada para fazer o abastecimento de água de Manaus as possíveis soluções para o problema.

JUSTIFICATIVA

A Amazônia é a região do Brasil com a maior reserva de água doce, 80% do manancial brasileiro. Os olhares do mundo estão voltados para esta região, tanto pela riqueza da biodiversidade quanto pelo potencial hídrico. Apesar de toda essa abundância, Manaus sofre com a falta de um abastecimento de água que atenda de forma eficiente todos os seus habitantes. Localizada no centro da região amazônica, a capital do Amazonas enfrenta o problema da escassez de água há mais de 40 anos.

Um levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2000, através da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (PNADE) mostrou que Manaus era na época a capital brasileira que menos oferecia água potável aos domicílios. Apesar de essa realidade ter mudado um pouco, a cidade continua com o serviço de abastecimento precário e insuficiente. O Sistema Nacional de Informação sobre Saneamento (SNIS), no último levantamento feito em 2007, revela que 68% dos quase dois milhões de habitantes de Manaus recebem água potável em suas casas.

Segundo empresa responsável pelo abastecimento de água em Manaus, Águas do Amazonas, a cidade possui um total 271.533 ligações de água ativas. Supondo que em cada casa onde possui estas ligações moram cinco pessoas, isto significaria um total de 1.357.665 habitantes com sistema de abastecimento, ou seja, 79% da população atendida. A verdade é que as ligações existem, porém as pessoas não recebem água nas suas torneiras. O problema tende a ficar pior, pois Manaus é considerada uma das cidades que mais cresce no Brasil, cerca de 10% acima da média das outras capitais brasileiras. O abastecimento precário da cidade já ocasionou inúmeros problemas prejudicando não apenas a população que mora em bairros distantes, mas também o funcionamento de órgãos públicos como hospitais e o Corpo de Bombeiros.

A falta de abastecimento leva o poder público e os moradores dos bairros mais distantes das estações de tratamento a perfurar poços e ameaçar os lençóis freáticos. Segundo o Serviço Geológico do Brasil, responsável pela fiscalização dos poços artesianos da cidade, a perfuração de poços artesianos para tentar amenizar a situação da população é preocupante. De acordo com o órgão, Manaus possui cerca de 15 mil poços artesianos,



destes 300 pertencem a Águas do Amazonas. Cerca de 60% de toda a água retirada é através dos poços perfurados pela empresa e os outros 40% estão entre os poços da prefeitura e os poços perfurados pela própria população. Essa perfuração desordenada pode levar ao rebaixamento do solo e contaminação dos lençóis freáticos.

Em razão destes problemas, resolvemos produzir o documentário em vídeo “Um deserto na selva” para trazer à tona os problemas de abastecimento de água de Manaus, suas consequências e cobrar das autoridades as soluções.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A idéia de realizar o documentário sobre a escassez de água em Manaus surgiu a partir de uma inquietação: por quê falta água na cidade se ela está tão próxima da maior bacia de água do mundo? “O planejamento do documentário pode começar com a ideia do documentário. E a ideia do documentário pode começar com um vago impulso em alguma direção” (HAMPE, 1997a, p.1). A resposta para o questionamento é um dos motivos na qual decidimos construir o documentário.

Seguindo o modelo de Hamp (1997a), buscamos responder alguns questionamentos necessários para a construção de um documentário: o que queríamos mostrar, o que precisaríamos mostrar, quanto custaria produzir o documentário e como conseguir os recursos. Definimos que queríamos mostrar que população manaura mora próxima do maior manancial de água doce do mundo, porém sofre por não ter água chegando nas torneiras. Para isso, precisaríamos mostrar famílias que convivem com o problema diariamente e a posição das autoridades responsáveis pela rede de abastecimento para explicar essa situação. Sobre os custos, foram levantados todos os possíveis gastos com o projeto. Os itens da planilha constam desde de passagem de onibus, gasolina, equipamento, edição, almoço, fitas e livros que precisamos adquirir para dar suporte no trabalho escrito. Em relação aos recursos necessários, a prosposta inicial foi conseguirmos parceiros que pudesse nos auxiliar na construção de todo o documentário. No entanto, a estratégia não teve resultado e todos os curstos foram bancados pelos membros da equipe.

A parti da ideia inicial, o processo de pesquisa começou com um levantamento sobre a dimensão dada ao assunto nas mídias locais. O levantamento nos jornais foi feito apenas para obter informação gerais sobre o assunto, além de nortear o inicio do planejamento. Além disso sondarmos a respeito dos bairros mais abordados nas materias divulgadas e as possiveis consequências causadas pela falta d’água. O planejamento para produção do



vídeo começou com o levantamento das fontes que poderiam ser consultadas para obter as informações necessárias para dar suporte ao documentário. Das fontes relacionadas estão: jornais, revistas, personagens, fontes estatísticas, artigos científicos, sites na internet, livros, A empresa Águas do Amazonas e representantes do poder público municipal e estadual.

A boa narrativa em documentário, com raras exceções, depende de uma boa pesquisa. É preciso encontrar um tema, entender sua história e ter certeza de que está apresentando um ponto de vista equilibrado e preciso - pelo menos você deveria, de deseja que o filme satisfaça algum público. Lembre-se de que o equilíbrio e a precisão não significam que não se possa, como cineasta, assumir uma posição particular, ou que seus temas não possam defender uma delas. Mas se você espera que o público o considere e o leve a sério, é preciso permitir que ele pese a evidência por si mesmo, o que significa: você precisa pesquisar e apresentar essa evidência. (BERNARD, 2008, p.115)

A pesquisa deu embasamento para a construção de todo o projeto, porém o planejamento do processo de construção do vídeo foi o que auxiliou no decorrer das filmagens e na edição. Depois dos levantamentos bibliográficos sobre o tema, buscamos informações junto à população e ao poder público por meio de entrevistas. Após ouvir estas fontes, foi possível relacionar as informações dadas pela população com os dados estatísticos e as informações oficiais e da empresa responsável pelo sistema de abastecimento.

Fez parte também do planejamento a definição dos locais de filmagem, tempo de duração do vídeo e outros detalhes de produção (TOMAIM, 2009). As escolhas foram baseadas nas seguintes questões: Que eventos devem ser filmados ou que imagens devemos capturar? Quais devem ser os locais de filmagens? Quem deve ser filmado? Que tipo de comportamento estamos procurando? E que tipo de imagens e depoimentos de arquivo podemos utilizar?

Boas imagens não aparecem do nada. É preciso planejamento. Você deve estar pronto a reconhecê-las, e o mais importante, está pronto para filmá-las, quando elas acontecerem. Então você deve selecioná-las e organizá-las para apresentar um argumento visual aos espectadores. (HAMPE, 1997b. p.1)

Inicialmente a relação dos eventos e imagens necessárias foram os primeiros a serem montados. Na relação de imagens constaram: estações de tratamento de água da cidade; grandes reservatórios; poços artesianos; rios Amazonas e Negro; pessoas carregando baldes e garrafas para encher nos poços artesianos; da Zona leste; e construção de adutoras.

Como uma boa idéia para o documentário você deve ter confiança em sua capacidade de achar boas imagens – boas evidências visuais – para contar sua história. Mas isto ainda requer planejamento, para estar no lugar certo e na hora certa com a câmera ligada e focalizada. Se fosse fácil qualquer um poderia fazer. Você tem que planejar. (HAMPE, 1997b, p.3)

A definição das locações para filmagem foi feito de acordo com a realção dos personagens que precisaríamos para a história. Foram entrevistados representantes do poder público, os responsáveis pela concessionaria do serviço de abastecimento, um especialista nas questões de meio ambiente no que diz respeito ao cuidado, tratamento e consumo sustentável de água e, finalmente, a população. As informações adquiridas mostraram que as zonas Norte e Leste são as mais afetadas com o problema da falta de água.

Levando em consideração de que o vídeo documentário estimula o desejo de saber no público e transmite uma lógica informativa que leva a descobertas e consciência. Trabalhamos com o conceito de Nichols (2008), onde o documentário é um recurso audiovisual que se caracteriza pela representação do mundo em que vivemos. Por isso, escolhemos o modo expositivo para retratar o problema da escassez de água na cidade de Manaus. Neste estilo de documentário, o documentarista dirige-se ao telespectador diretamente com vozes que expõem um argumento. Os filmes adotam o comentário como voz de Deus, o orador é ouvido, mas jamais visto. Os documentários expositivos dependem muito de uma lógica informativa transmitida verbalmente, ele facilita a argumentação abrangente enfatiza a impressão e objetividade (NICHOLS, 2008).

“Um deserto na Amazônia” foi produzido de forma que a problemática da falta d’água fosse mostrada a partir da visão dos seus personagens. No documentário, a voz-over é quem determina o estilo do filme e delimita a fronteira com a ficção. Para a construção da narrativa se dar no modo expositivo, foram usadas imagens de arquivos, fotos e captação de imagens atuais para reforçar os argumentos.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O vídeo documentário “Um deserto na Amazônia” um documentário de 20 minutos que mostra a realidade da população de Manaus que sofre com a precariedade do bastecimento de água mesmo morando proximo ao maior manancial de água do mundo. O argumento principal do vídeo são os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2000, mostrarem que Manaus é a capital brasileira que menos oferece água potável aos domicílios e o do Sistema Nacional de Informação sobre Saneamento (SNIS),

em 2007, apontar que apenas 68% da população manauense possui sistema de abastecimento.

A proposta do documentário é mostrar a realidade de parte da população manauara que sofre com a precariedade do abastecimento de água. O vídeo busca uma resposta a pergunta da população: por que sofremos com falta de água se moramos em uma cidade localizada próxima a maior bacia hidrográfica de água doce do mundo? Além disso o vídeo também se propõe a mostrar as consequências causadas pelo problema, como a perfuração desenfreada de poços em vários locais da cidade. Os riscos que essas perfurações podem trazer ao meio ambiente e a saúde da própria população que consome a água dos poços. E finalmente mostrar as possíveis opções para solucionar o problema do abastecimento.

A abordagem do vídeo se dá pelo modo expositivo por este se mostrar o mais apropriado à proposta do documentário. Isso não significa que as características apresentadas no vídeo seja apenas deste modo, já que o vídeo documentário permite apresentar características de outros modos, dependendo do olhar do roteirista. A presença da entrevista neste documentário é marcante. Em todas as entrevistas realizadas para a produção do documentário abordamos o modo de entrevista dialogal, onde o entrevistador e o entrevistado constroem o tom da conversa, que evolui a partir de questões propostas pelo primeiro, mas não se limitam a esses tópicos: permite-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados.

A estrutura do documentário está baseado no modelo de Bernard (2008). Começa com um letrig de fundo preto contendo a seguinte afirmação: “Morar as margens do segundo maior rio em volume de água doce do mundo, não é garantia de água nas torneiras. Em seguida corta para mais um letrig, também de fundo preto com um questionamento: “Você gostaria de saber por qual motivo Manaus sofre com o abastecimento de água?”. Essas informações servem para estimular a curiosidade de quem conhece o problema do abastecimento de água na capital do Amazonas. Na primeira cena do documentário aparece a personagem principal do vídeo, Maria Amélia, uma típica dona de casa que mora na zona Leste de Manaus e que sofre com a falta de água nas torneiras.

Em seguida, são mostradas imagens de apoio com background (BG) mostrando pessoas carregando água, expondo a escassez. Essas imagens surgem sempre exibindo em seguida o volumoso rio Negro e a estrutura da capital amazonense e o uso indiscriminado da água. O narrador entra explicando as potencialidades naturais do estado do Amazonas e de sua capital Manaus. Depois de mostrar o potencial hídrico da região, outro

questionamento é feito: por que alguns bairros chegam a ter abastecimento de apenas de duas horas diárias, chegando a cinco dias seguidos sem água?

Desse ponto em diante, os personagens que compõem o documentário comentam a situação dentro de suas respectivas atribuições, áreas de conhecimento e situação frente a escassez de água. Uma dona de casa reclama que nunca teve água, o ex-prefeito de Manaus fala do processo de captação e distribuição, o diretor da empresa responsável pelo abastecimento defende os investimentos explicando o tratamento, custos e da dificuldade de levar a água a determinados lugares. Um hidrogeólogo comenta sobre o aquífero Alter do Chão, o maior lençol d'água que passa por baixo da cidade. Dois donos de poços entram na discussão passando toda a estrutura de seus “negócios”, como por exemplo: o preço que vendem a água, o número de pessoas que recebem este abastecimento e até o mesmo investimento que fizeram para ter o seu poço.

Em seguida o *off* entra reafirmando a opinião dos personagens que o problema pode ser resolvido com vontade política, investimento e consciência comunitária. Imagens de documentário voltam a aparecer nesta parte juntamente com os personagens que fizeram parte do documentário e podem contribuir para a solução do problema. Entra novamente a música *Água*, interpretada pelo cantor Djavan, com imagens gerais do documentário e outras mais mostrando a grandeza do rio Negro e pessoas utilizando o bem. Finalizando o documentário, um *fade* com as imagens que ocupam a metade do vídeo e os créditos sobem.

CONSIDERAÇÕES

O ponto de partida para o jornalismo e o documentário é o fato, e o que vai diferenciá-los ou aproxima-los será o tipo de abordagem. Percebe-se então que o documentário mesmo sendo um gênero cinematográfico, utiliza-se de várias técnicas jornalísticas para a sua construção. De posse dessas técnicas é possível construir uma boa história, com argumentos convincentes a partir de um fato ocorrido. Partindo deste princípio entendemos que a falta de água na cidade de Manaus é um fato. Esse fato foi o ponto de partida para construção do documentário, “Um deserto na Amazônia”. O problema da falta de água se transformou em pauta de reuniões e discursos políticos, além de virar noticiar e ganhar a atenção da imprensa local e nacional. Além disso, virou tema para a construção documental em vídeo.

Ser a região do país com o maior percentual de água doce, e possui grandes mananciais não coloca o Amazonas, ou melhor, a cidade de Manaus, no ranking do cidades



do Brasil que possuem rede de abastecimento de água suficiente para população. O processo de elaboração do vídeo-documentário nos permitiu confirmar que o fato de não ter água nas torneiras do povo manauense é de responsabilidade principalmente do poder público. A má vontade política de fazer, ou o fazer somente no período que convém fazer, como é o caso dos anos eleitorais, é o principal fator da precariedade no abastecimento hídrico.

Apesar da responsabilidade posta ao poder público e a concessionário do serviço, a população e os órgãos responsáveis pela fiscalização direta deste serviço, possuem uma parcela de responsabilidade para que o serviço funcione de forma adequada. As dificuldades com o relevo da cidade, a poluição dos rios e lagos e a falta de responsabilidade da própria população com o meio ambiente, contribuem para que o sistema torne-se cada dia mais precário. Com base nessas informações o documentário mostrar que a solução para o problema não depende exclusivamente de uma só pessoa, mas principalmente colaboração de todos.

REFERÊNCIAS

- BERNARD, Sheila Curran. **Documentário - Técnicas para uma produção de alto impacto**. 2.^a edição. Tradução Saulo Krieger. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. 1.^a edição. São Paulo: Contexto, 2007.
- FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas técnicas para o trabalho científico**. 13.^a edição. Porto Alegre: Nova ABNT, 2005.
- HAMPE, Barry. **A idéia do documentário**. NUPPAG – Núcleo de pesquisa e produção audiovisual em geografia – IGCE – UNESP/ Rio Claro. Tradução: Roberto Braga. 1997. Disponível em <<http://www.rc.unesp.br/igce/planejamento/nuppag1/A%20ideia%20do%20documentario.pdf>> Acesso em 14 de Abril de 2009a.
- HAMPE, Barry. **Escrevendo um documentário**. NUPPAG – Núcleo de pesquisa e produção audiovisual em geografia – IGCE – UNESP/ Rio Claro. Tradução: Roberto Braga. 1997. Disponível em <<http://www.rc.unesp.br/igce/planejamento/nuppag1/Escrevendo%20um%20documentario.pdf>> Acesso 14 de Abril de 2009b.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico de 2000**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em 25 de Junho de 2009.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativa das populações residentes, em 1º de Julho de 2008**. Disponível em <www.ibge.gov.br/home/estatistica/estimativa2008/pop2008_dou.pdf> Acesso em 25 de Junho de 2009.
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 4.^a edição. São Paulo: Editora Ática, 2000. Série fundamentos.
- LABAKI, Amir. **Introdução ao documentário brasileiro**. 1.^a São Paulo: Francis, 2006.



NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 3.^a edição. Tradução Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papirus, 2005. (Coleção Campo imagético)

TOMAIM, Cássio. **Guia de como elaborar um projeto de documentário**. Departamento de Ciência da comunicação – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em < www.cesnors.ufsc.br/ >. Acesso em 10 de Dezembro de 2009.